

O Eterno Injustiçado

RUSSELL BAKER
TIMES de Nova York

A JUVENTUDE americana faz manifestações diante da Casa Branca para demonstrar sua solidariedade com o negro americano e com o camponês vietnamita. Fêz passeatas de apoio a Fidel Castro e tem dado alguns dos melhores anos de sua vida aos povos da África e da América Latina. Na Universidade da Califórnia, chegou até a fazer demonstrações em favor de si mesma. Mas existe um pobre-diabo por quem a juventude não consegue sentir simpatia—o pai americano. Esse infeliz passa a vida sendo espoliado, escarnecido, atormentado, e a juventude o trata com a maior indiferença.

Um caso típico é o de um casal a quem chamaremos os Jasper, que têm três filhos na universidade. Isso lhes custa 13.000 dólares por ano. O Sr. Jasper ganha anualmente 9.500 dólares no seu emprêgo e desencava outros 4.500 cultivando uma trombose das coronárias em trabalho noturno. O resto do dinheiro êle arranja usando suas três úlceras do estômago como garantias de empréstimos.

Na época em que o caçula da família completou cinco anos, começou a vida de servidão dos Jasper. Durante anos, para não deixarem os filhos sòzinhos, ficavam a noite inteira presos em casa como presidiários acorrentados depois de um dia de trabalhos forçados. Gradualmente, foram-se esquecendo de dançar. Quando tentavam manter em dia suas faculdades mentais com a leitura, as crianças os torturavam com ruídos esganiçados da vitrola. Acabaram por sucumbir à televisão, que os impedia de pensar no seu cativeiro.

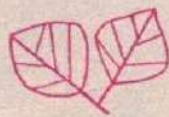
Quando a filha dos Jasper voltou da universidade usando barba, houve uma cena terrível. A jovem disse que a barba era em sinal de protesto por seu pai ter deixado Harry Truman usar a bomba atômica em Hiroxima. Arrancou-lhe dinheiro para comprar cartazes com a inscrição "Abaixo a Bomba" a serem exibidos numa manifestação na qual ela foi prêsã. E às três horas da madrugada arrancou-o da cama para ir prestar a fiança na delegacia.

Depois voltaram os dois filhos e comunicaram aos Jasper que êles es-

tavam espiritualmente mortos. “Olhem para vocês”, disseram os filhos. “Não sabem nenhuma dança moderna. Nunca lêem um livro. Ficam aí sentados, vendo televisão. Não passam de dentes de engrenagem numa organização que está acabando.” Um dos filhos, entrevistado por uma revista, disse que queria um mundo melhor do que o mundo que seu pai lhe oferecia, porque o mundo

de Jasper era uma corrida de ratos, e, mesmo que se ganhe uma corrida de ratos, a gente continuará sendo um rato. A Sr.^a Jasper, quando leu isso, procurou consolar o marido, mas êle sabia seu dever.

“Vou arranjar mais uma úlcera e aumentar meu seguro de vida”, disse êle. “Se meu filho não quer participar da corrida de ratos, cabe a mim amparar os filhos dêle.”



TEMOS alguns dados estatísticos que poderão surpreender aquêles que reclamam acêrca da moral dos universitários de hoje. Um levantamento realizado entre os estudantes da Universidade de Yale já em 1873 revela que: de 114 rapazes na turma de Yale daquele ano, 76 admitiam ter alguma espécie de bigode ou barba; 21 confessavam que tinham um procedimento “imoral”; 62 gabavam-se de beber bebidas alcoólicas; mais da metade da classe era de fumantes contumazes, e 16 diziam que gostavam de mascar a erva imunda. O passatempo preferido no dormitório—de que participavam 92 da turma—era o pôquer, geralmente a dinheiro, enquanto que a lista dos divertimentos prediletos incluía “dormir, vadiar, tomar cerveja, brigar com pequenas, acampar fora com pequenas . . .”



EM COLORADO Springs realizou-se uma parada para receber Peggy Fleming, campeã americana de patinação ornamental, depois das Olimpíadas de Inverno do ano passado. Na qualidade de sócio de um clube local, participei da parada num carro e, como capelão da Fôrça Aérea, estava de uniforme.

Havia muita gente uniformizada na parada e, com surprêsa minha, a maioria fazia continência quando eu passava. Orgulhosamente, eu retribuía tôdas as continências, sentindo-me muito importante.

Por fim, um colega civil, sentado a meu lado, disse: “Capelão, o sujeito a cavalo atrás de nós está carregando a bandeira americana. Que tal parar de fazer continência?”

—B. R. C.